



LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

APRENDER

O que pode ser difícil na aprendizagem da leitura e escrita? Tomar consciência dos fonemas

Autoria: Ana Paula Vale **Edição:** Andreia Lobo

A tomada de consciência dos fonemas envolve a compreensão de que os fonemas são partes na constituição das sílabas e, portanto, na constituição das palavras. A consciência dos fonemas desenvolve-se como consequência de um ensino explícito, habitualmente o ensino das letras aplicado a tarefas de leitura e/ou escrita, e é essencial para aprender a ler num sistema de escrita alfabética, como o nosso.

1. Tomada de consciência dos fonemas

A tomada de consciência dos fonemas manifesta-se na habilidade para detetar, identificar, pensar sobre e operar com os sons mínimos da fala. Envolve a compreensão de que os fonemas são partes na constituição das sílabas e, portanto, na constituição das palavras.

Por vezes, confunde-se consciência dos fonemas com métodos fónicos de ensino da leitura. Ao contrário da consciência dos fonemas, que envolve, teoricamente, apenas representações analíticas dos sons da fala, os métodos fónicos implicam a ideia de uma relação sistemática entre letras e unidades fonológicas, entre as quais os fonemas.

Consciência fonémica e consciência fonológica não são sinónimos. **A tomada de consciência dos fonemas é, dos tipos de consciência fonológica, aquele que exige o grau mais elevado de abstração.** A consciência das unidades silábicas, assim como a consciência de unidades infrassilábicas mas suprafonémicas (como br – em branco e ar – em mar, chamadas, respetivamente, ataque e coda) são também formas de consciência fonológica. Quando produzimos fala, os fonemas ocorrem em **coarticulação** uns com os outros. Por exemplo, se dissermos a palavra “crista” marcando as sílabas, a primeira sílaba - /kriʃ/- corresponderá a um ato articulatório único que contém informação sobre quatro fonemas. Isto é, os quatro fonemas são produzidos quase simultaneamente e as características articulatórias/acústicas de uns influenciam a produção dos outros. Por isso, **separá-los e identificá-los são exercícios de abstração muito difíceis.**

Voltando ao exemplo, com exceção da vogal, os outros fonemas não têm realidade física – acústica – quando produzidos isoladamente. Conseguimos percebê-los quando são produzidos num envelope que é uma sílaba e quando começamos a construir representações abstratas sobre esses segmentos da fala, as quais vamos elaborando na nossa mente como objetos sonoros à medida que somos confrontados com o exercício de pensar sobre os sons da fala, provavelmente quando começamos a lidar com letras. As

representações abstratas são os **fonemas** e correspondem a **ideias que construímos a partir de uma informação acústica que vamos identificando como uma unidade de som e que aprendemos a rotular, e.g., como um /p/ ou um /z/ ou um /a/**.

Tomar consciência dos fonemas permite lidar com as nossas representações abstratas dos sons da fala. Permite-nos, por exemplo, reconhecer que “casa” e “queijo” começam com o mesmo fonema, /k/; que “champô” tem quatro fonemas - /jẽpo/; que na palavra “trenó” o /r/ vem antes de /i/ e não depois; que, ao trocarmos o /g/ de “gato” por /k/, formamos uma outra palavra, “cato”, ou, se trocarmos o /t/ de “gato” por /l/, obtemos “galo”.

2. A importância da tomada de consciência dos fonemas para a leitura e a escrita

Desenvolver a consciência dos fonemas é essencial para aprender a ler num sistema de escrita alfabética como o nosso.

A razão é simples: **os sistemas de escrita alfabética representam os fonemas, unidades fonológicas, da fala através de grafemas** (uma letra [*<p>* para o fonema /p/, ou duas letras [*<ch>* para o fonema /j/, como em ‘chuva’]). Se dissermos uma palavra contendo dois fonemas, como, por exemplo, “fim” (/f/- /ĩ/), ao representá-la na escrita teremos que usar dois grafemas (*<f>* - *m>*). Se uma palavra tem quatro grafemas (e.g., *<m>*, *<a>*, *<ss>*, *<a>*), ao lê-la, devemos produzir quatro fonemas (/m/, /a/, /s/, /e/) e juntá-los para pronunciar a palavra (/mase/). Por isso, **as representações abstratas dos sons mínimos da fala – aquilo que chamamos de fonema – são a chave para usar o código da escrita**.

As crianças que não conseguem desenvolver representações abstratas sobre os sons que constituem as palavras – tomada de consciência dos fonemas –, no decorrer da aprendizagem, terão uma grande dificuldade em entender as relações entre grafemas e fonemas nas palavras escritas. Se as representações sobre os fonemas forem inexistentes ou imprecisas, a forma escrita das palavras parecerá arbitrária, não dependente da sistematicidade das relações grafema-fonema. A leitura assentará mais na memorização de palavras do que no uso do princípio alfabético, o que a tornará uma tarefa praticamente impossível.

Existe uma forte **relação de reciprocidade entre a aprendizagem de letras e a tomada de consciência dos fonemas**. Por isso, **devem ser ensinados em simultâneo**. A aprendizagem das relações entre letras e fonemas, e também a habilidade para manter em memória a sequência precisa destes, a partir dos grafemas identificados na sucessão de letras, até produzir oralmente ou para si mesma a palavra que está escrita, dependem muito da capacidade da criança para desenvolver representações abstratas sobre o que lhe parece serem os sons mínimos da fala. Seja com a ajuda do professor, seja com a dos pais.

3. A ciência mostra

Vários anos de investigação têm concorrido para a constituição de um corpo sólido de **provas da importância que a tomada de consciência dos fonemas tem para aprender a ler num sistema alfabético**. Algumas das principais conclusões são:

1. A consciência dos fonemas pode ser ensinada e aprendida. Ter consciência dos fonemas é uma capacidade que não desenvolvemos espontaneamente, como a linguagem, mas antes emerge como consequência de um ensino explícito, habitualmente o ensino das letras aplicado a tarefas de leitura e/ou escrita. Embora as crianças possam, se forem explicitamente ensinadas, aprender a focar a atenção em certos sons de fala – principalmente as vogais e as **consoantes fricativas** – sem terem aprendido letras, esse tipo de conhecimento só será usado produtivamente na deteção de outros fonemas e no uso dessa habilidade quando é associado ao conhecimento de letras.

2. Suscitar nas crianças a tomada de consciência dos fonemas ajuda-as a aprender a ler e a escrever palavras, particularmente as que entram na escola com desvantagem de conhecimentos alfabéticos e/ou sinais de risco de insucesso;

3. Suscitar a consciência dos fonemas em conjunto com o ensino da relação entre letras e fonemas conduz a melhores resultados na aprendizagem da leitura do que o ensino que inclui apenas um desses dois componentes;

4. Suscitar a consciência dos fonemas em conjunto com a relação entre letras e sons pode diminuir o número de crianças em risco de insucesso na leitura;

5. O nível de aquisição da consciência dos fonemas, avaliado através do desempenho em tarefas que implicam habilidades em operar com fonemas, constitui um bom indicador da manutenção e transferência para os desempenhos em leitura. Isto é, uma vez adquirida a habilidade para lidar com as representações abstratas dos sons da fala, dificilmente se perde esse conhecimento, sendo que **as crianças que têm mais sucesso nessa aprendizagem são também aquelas que aprendem melhor a ler;**

6. Há fonemas mais fáceis de apreender do que outros. Em particular, aqueles que conseguimos produzir mais facilmente na fala, ou porque existem isoladamente, como as vogais, ou porque podemos “dizê-los” de forma prolongada – consoantes fricativas (ffff..., ssss....) e **líquidas** (rrrr....) – devem ser treinados antes das **consoantes oclusivas**.

Leituras Sugeridas

- Carson, K., Gillon, G., Boustead, T, Nippold, M., & Troia, G. (2013). Classroom phonological awareness instruction and literacy outcomes in the first year of school. *Language, Speech & Hearing Services in Schools*, 44(2), 147-160. <http://lshss.pubs.asha.org/article.aspx?articleid=1797329>

- Ehri, L. C., Nunes, S. R., Willows, D. A., Schuster, B. V., Yaghoub-Zadeh, Z., & Shanahan, T. (2001). Phonemic awareness instruction helps children learn to read: Evidence from the National Reading Panel's metaanalysis. *Reading Research Quarterly*, 36, 250 –287.

- Morais, J. (2003). Levels of phonological representation in skilled reading and in learning to read. *Reading and Writing*, 16(1), 123-151.

- Morais, J. (2009). Representações fonológicas na aprendizagem da leitura e na leitura competente. Em: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, XXIV. Lisboa: APL, 7-21.

- Santos & Maluf (2010). Consciência fonológica e linguagem escrita: efeitos de um programa de intervenção. *Educar em Revista*, 57-71.

Ler também

PREPARAR – Consciência fonológica, relação entre linguagem oral e escrita

APRENDER – Apreensão do princípio alfabético

APRENDER – Métodos fônicos